



DIVERSIDADE E CULTURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL - RELATOS DE EXPERIÊNCIAS (PIBiD UFSCar)

Isadora Lopes de Oliveira¹
Isabela Vieira Bernardes²
Gabriela Camargo de Oliveira³
Michelle Novais Silva⁴
Viviany Franco Manieri⁵

RESUMO

Este relato detalha a experiência dos licenciandos de Letras e Pedagogia do PIBID/UFSCar, no CEMEI Prof. Paulo Freire. Considerando a escuta e a demanda dos alunos e com planejamento e orientação das professoras, este grupo desenvolveu atividades nas diferentes fases, com temáticas voltadas às diversas culturas e etnias que fomentaram o contato com aspectos culturais diferentes do seu contexto e o reconhecimento da identidade dos indivíduos envolvidos, ampliando seus conhecimentos e reforçando a importância da boa convivência na escola. Com o interesse dos alunos sobre esta temática, as vivências se tornaram um projeto com as crianças da fase 1, 2 e 6, que se encontra em andamento e perdurará até o fim do ano letivo de 2023. Dentro dessa proposta, foi utilizado como referencial teórico o autor Oliveira (2013), que reforça o papel fundamental da educação infantil na formação de cidadãos conscientes e éticos, trazendo valores e comportamentos para um convívio harmônico. Como resultado, espera-se que essa abordagem lúdica contribua para a formação de indivíduos empáticos e que saibam lidar com a diversidade presente no mundo, fomentando a tolerância e a formação de cidadãos conscientes e respeitosos, ou seja, promovendo um ambiente em que a diversidade é celebrada positivamente desde a fase inicial de suas vidas, já que é no ensino infantil que a criança tem um contato social além do familiar. Logo, é um dos momentos mais importantes para a formação do indivíduo em relação ao viver em sociedade, desenvolvendo habilidades fundamentais à formação humana.

Palavras-chave: Diversidade, cultura, interdisciplinaridade.

INTRODUÇÃO

Oliveira (2013, p.28) afirma que a educação da criança de 0 a 5 anos tem sido vista cada vez mais como um investimento importante e necessário para o desenvolvimento individual e coletivo da criança. Assim, cada vez mais se tem incorporado, nessa fase da educação, ações que contribuam para que suas interações futuras com o mundo sejam mais efetivas, já que é nesses anos iniciais que a criança em desenvolvimento, começa a ter suas primeiras relações fora da bolha familiar. Por esse motivo - e pensando no direito da criança

¹Isadora Lopes de Oliveira, Graduanda do Curso de Letras da Universidade Federal de São Carlos- UFSCar, isadora.oliveira@estudante.ufscar.br;

²Isabela Vieira Bernardes, Graduanda do Curso de Letras da Universidade Federal de São Carlos- UFSCar, isabelavb.@estudante.ufscar.br

³Gabriela Oliveira de Camargo, Graduanda do Curso de Letras da Universidade Federal de São Carlos - UFScar, gabrielacamargo@estudante.ufscar.br

⁴Michelle Novais Silva, Graduanda do Curso de Letras da Universidade Federal de São Carlos - UFScar, michellenovais@estudante.ufscar.br

⁵Professor supervisor: Viviany Franco Manieri: Especialista, Professora da Secretaria Municipal de São Carlos-SP, vivianny.manieri@professor.saocarlos.sp.gov.br;

de acessar culturas plurais, valorizando a diversidade cultural das famílias e da comunidade, ampliando sempre que possível o contexto cultural - o nosso relato tem como objetivo expor as experiências de desenvolvimento de atividades que permeiam o tema diversidade e cultura com as crianças das fases 1, 2 e 6, em uma escola municipal do interior paulista.

Para além do olhar para criança, este trabalho também tem como objetivo refletir as ações que promovem a formação do docente, em um diálogo entre os professores que já atuam e os futuros atuantes. Essa interação se dá por meio da parceria entre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), realizado na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) com o Centro Municipal de Educação Infantil Professor Paulo Freire, localizado na cidade de São Carlos/sp, onde conjuntamente têm sido realizadas vivências e experiências entre os graduandos, professores atuantes e crianças de 0 a 6 anos de idade.

As vivências tidas em sala permeadas pelo tema da cultura e diversidade se iniciam com a intenção de fazer com que primeiramente cada bebê e criança entenda e enxergue as singularidades e a pluralidade de cada um, começando assim a relação com o diferente, no olhar para si e no olhar para o outro. Em seguida foram desenvolvidas atividades nas diferentes fases voltadas a diversas culturas, etnias e identidades, mediante as necessidades de cada fase. Essas atividades buscam trabalhar a coordenação motora grossa e fina, a coordenação sensorial, a alfabetização e o letramento, por meio de leituras de histórias e contos, músicas e seus ritmo, e de atividades usando letras e formação de palavras, sempre de maneira lúdica, para que consigamos aproximar e instigar nossas crianças a quererem participar e aprender, e, juntamente a isso, desenvolvendo o seu lado empático ao diferente e aprendendo a respeitar o que é dissemelhante de suas próprias vivências e cultura.

Por fim, o que esperamos com as vivências, atividades e projetos é mediar e integrar pensamentos e ações que motivem a tolerância e o respeito com o outro e com sua pluralidade, em ambientes internos e externos à escola, já que essa primeira fase dos bebês e das crianças é o momento mais importante de desenvolvimento das primeiras referências para a construção de sua personalidade e de seu senso de identidade.

METODOLOGIA

As atividades a serem expostas foram mediadas pela Lei 11.645 de 2008, que torna obrigatório o ensino da história e cultura indígena e afro-brasileira, tema de extrema importância a ser abordado na educação infantil, fazendo assim, desde o início da formação da criança a interação de temas étnicos-raciais trazendo um sentimento de pertencimento

étnico, e também trabalhando o respeito à pluralidade e diversidade. Nesta metodologia vamos articular essa temática da diversidade étnica nas fases 1, 2 e 6 da escola C.E.M. de Paulo Freire:

Nas atividades com crianças de 0 a 2 anos, as abordagens envolveram a musicalidade com a contação de histórias de cada cultura, instrumentos ou objetos que representam cada uma e o uso de espelhos, para que os bebês possam ter um contato com a sua imagem. Essas atividades foram realizadas pela pibidiana Isabela Vieira Bernardes, estudante da área de letras, juntamente com a supervisora e professora da turma, Vivianny Franco Manieri. As atividades na fase 2, foram realizadas pelas pibidianas Gabriela Oliveira de Camargo e Michelle Novais Silva, com a colaboração das professoras da sala Claudia Cristina Moraes de Almeida e Ana Lúcia de Sá Guimarães .

Atividade 1 - Quem sou eu?

Atividade pensada em trabalhar a linguagem corporal das crianças e conhecer um pouco melhor a individualidade de cada um. A atividade é um desenvolvimento dual, envolvendo professor e aluno, sendo o objetivo do professor conhecer cada um dos alunos individualmente e os alunos conhecerem a si próprios para a construção de uma identidade.

Na Fase 1, foi usado espelhos, para as crianças terem um contato visual consigo mesmas. Também foi utilizado a balança e fita métrica, para pesar cada um e medir o comprimento dos pés e mãos, a idéia principal, foi o professor observar o desenvolvimento de cada um. Foram registradas algumas fotos dos rostos dos alunos, para colocar em volta do suporte circular do espelho, para a atividade final. No final, os alunos observaram as fotos que estavam em volta e olharam seu reflexo no espelho, para tentar assimilar a foto com a sua imagem. Essa didática, contribuiu para que os bebês comessem a construir uma autoidentificação.

Na fase 2, as atividades tiveram início com o uso de espelhos, proporcionando às crianças a oportunidade de interagir visualmente com suas próprias imagens corporais. Este primeiro passo, essencial para o autoexame, criou um espaço de exploração e autoconsciência. Adicionalmente, fotografaram os rostos dos alunos para criar pequenos cartazes individuais, os quais foram exibidos no teto da sala de aula, permitindo que os alunos visualizassem suas imagens sempre que desejassem. Esta prática contribuiu para uma identificação mais profunda e instantânea.

Atividade 2 -Trabalhando africanidades

Nessa atividade será trabalhado a importância dos tambores para a cultura africana. A proposta é ler as obras “ Os solfejos de Fayola” e “ A menina e o tambor”. Em sequência,

distribuir para cada aluno, tambores de Djembê confeccionados. Depois da distribuição, será feito um momento de cantiga Afro com música própria para a musicalização infantil “Funga alafia”, onde os alunos usaram o tambor como forma de acompanhar o ritmo da música. Dentro dessa didática, também será passado entre os alunos uma boneca negra, confeccionada à mão, com traços típicos dos povos africanos, para os alunos terem o contato com personagens que representem e valorizem essa população. O principal objetivo é estimular a linguagem corporal, juntamente com a diversidade no ambiente escolar da criança.


O trabalho envolvendo a diversidade poderá trazer aos alunos desde cedo um contato com as diferenças, promovendo um ambiente mais inclusivo, como também um encontro de identidade. A didática africanidades, entra no contexto da lei 11645 do art 26, que coloca como dever incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Dado isso, o trabalho além de enriquecer o repertório dos alunos, valoriza culturas que antes não faziam parte do plano de ensino.

A cultura Afro-brasileira tem grande influência nos costumes brasileiros, trabalhar ela na educação infantil, promove uma assimilação das crianças com o seu contexto diário. Sob essa perspectiva, vale ressaltar que atividades envolvendo o tema cultura afro contribui para a quebra de estereótipos negativos que foram associados por muito tempo a essa população. Desse modo, podemos concluir que a inserção dessa atividade, trará desenvolvimentos em mais de uma vertente, sendo essas a linguagem corporal e intelectual das crianças, a perspectiva do professor e a desconstrução de valores que excluem parte da população brasileira.

Nesta atividade, exploramos a significância dos tambores na cultura africana, destacando sua importância e impacto. A abordagem foi inspirada na leitura da obra "Os solfejos de Fayola". Para enriquecer a experiência, tambores de Djembê foram confeccionados e distribuídos aos grupos de alunos. Na turma de fase 2, as pibidianas Gabriela Camargo de Oliveira e Michelle Novais Silva, conduziram um momento de cantiga Afro, que utilizaram os tambores para acompanhar o ritmo da música.

Após a performance musical, os alunos foram encorajados a explorar os tambores de Djembê por conta própria, gerando um ambiente de diversão e aprendizado. O entusiasmo e a participação ativa dos alunos tornaram essa experiência especialmente enriquecedora.


Fase 6



O tema diversidade e cultura na fase 6 (turma de 5 a 6 anos) da escola C.E.M.El. Paulo Freire, foi tratada na forma de projeto para com os alunos. Projeto que chamamos de “Continentes: a viagem do saber”, esse projeto foi iniciado por mim, pibidiana da Letras Isadora Lopes de Oliveira e pela pibidiana da Pedagogia Letícia Coelho Honório. O nosso objetivo com o projeto é trabalhar a diferença e a diversidade do mundo com os alunos e assim motivar os mesmos a terem um novo olhar diante do diferente, entendendo e respeitando sua cultura e a cultura do outro. Para além desse objetivo, tivemos também como objetivo promover e instigar a alfabetização e letramento dos alunos mediante as atividades tematizadas.

O projeto iniciou-se no continente americano, especificamente na América do Sul, no Brasil, e por meio do livro “Curumim” de Tiago Hakiy, foi apresentada a cultura do povo originário da Amazônia, Sateré-Mawé. Assim, a vivência se iniciou por meio da leitura coletiva do livro, estimulando a imaginação e cognição das crianças diante das informações adquiridas no livro, tanto pela história, quanto pelas imagens que se completavam. Em um segundo momento foi apresentada ,em meio a uma atividade na folha sulfite, às crianças novas palavras que são naturais do vocabulário do povo indígena, retiradas do livro com o objetivo de reconhecer as letras e juntamente a formação das palavras por meio do recorte e da colagem das palavras recém conhecidas pelos alunos. E em um terceiro momento, foi pedido a cada criança que registrassem em desenho a parte da história que mais gostaram, e por fim, montando juntamente com eles um painel com os seus desenhos e imagens representativas da cultura dos povos originários.

Seguindo o projeto, sentimos a necessidade de trazer alguma atividade que trabalhasse a pluralidade e a reflexão sobre cor de pele. Utilizamos então o livro “A cor de Coraline’ de Alexandre Rampazo, já que o autor traz por meio de Coraline, uma criança negra, a questão racial sobre o cor da pele de cada um, com isso, trazendo por meio da leitura e roda de conversa tida sequencialmente, a reflexão sobre identidade e a singularidade de cada um ali presente. Permeados por esse tema, a atividade seguiu com a utilização do espelho da sala de aula para trabalharmos com eles a diversidade e respeito às diferenças de cada um em seu olhar direcionado para si mediante o espelho. E para finalizar essa atividade, cada aluno fez o seu autorretrato utilizando de material os lápis de cor “tons de peles” que apresentam diversas tonalidades articulando com a diversidade e pluralidade racial discutida nesta vivência, e em seguida expondo os autorretratos em um painel com o questionamento “A cor de pele é só uma?”, com o intuito de trazer a reflexão não só para dentro de sala mas para fora também, entre os frequentadores da escola.




Continuando o projeto, o próximo continente a ser estudado e explorado foi o continente Africano, iniciamos com o livro “O dia em que Ananse espalhou a sabedoria pelo mundo” de Tati Mões, no livro Ananse sai em uma viagem em busca de mais sabedoria e vai recolhendo ela pelo mundo e no final aprende que a sabedoria é algo a ser compartilhado, dialogando com o objetivo do projeto, conhecer um pouco de cada cultura e suas diversidades e diferenças e compartilhar os aprendizados para além da sala. Nessa atividade, depois da leitura, conversamos sobre o país Gana, localizado na África Ocidental, e seguimos com uma atividade de adivinhação dos “Animais da Savana”, buscando trabalhar a identificação dos animais às charadas e a alfabetização por meio das letras das palavras de cada animal tido ali na adivinhação, e por fim, a elaboração de um desenho sobre o livro lido.

Para facilitar o entendimento dos alunos e tornar o projeto mais palpável para eles, preparamos um mapa mundi e o colocamos na parede da sala, e ao decorrer do projeto fomos e iremos colocar figuras que caracterizam cada continente que passamos para tornar mais visual a nossa “viagem do saber”, em que eles podem olhar e ver em que continente estamos e lembrar os outros que aprenderam. E também, para facilitar ainda mais a visualização das localidades dos continentes e países, distâncias entre eles, utilizamos o recurso do globo terrestre.

Continuando no continente africano, fizemos uma roda de conversa com a turma mostrando e refletindo sobre a diferença de alguns países do continente africano (Nigéria, Moçambique, África do Sul e Egito), depois fomos para a confecção das bonecas Abayomis, símbolo de resistência, nome que tem como significado “encontro precioso”, em Iorubá, uma das maiores etnias do continente africano, em que sua população ocupa os territórios da Nigéria, Benin, Togo e Costa do Marfim. A atividade foi pensada para resgatar a ancestralidade por meio da arte, com os retalhos elaboramos conjuntamente com as crianças a boneca Abayomi, e com ela foi possível trabalhar com os saberes e memórias trazendo como foco as identidades dessa população.

Para finalizarmos a nossa passagem pelo continente africano, escolhemos o Egito como último país, que permeia o Nordeste da África ao Oriente Médio. E para essa atividade preparamos uma entrevista chamada “Entrevistando a Cleópatra”, em que tivemos a caracterização e roteiro mostrando por meio dela características e curiosidades do Egito antigo e novo. Em seguida, tivemos a produção de uma representação de um papiro, o “papel” utilizados pelos egípcios como forma de armazenar informações, feita com papel sulfite, gaze, e o líquido do café, que depois de seco, o nosso papiro, as crianças pintaram em seus próprios papiros todas as informações adquiridas daquela atividade assim como os egípcios.



O projeto “Continentes: a viagem do saber” está acontecendo no segundo semestre do ano de 2023, e assim, temos como pensamento a continuação dessa viagem para outros continentes, trabalhando a cultura, diversidade e pluralidade desses lugares, instigando as crianças a saberem e terem curiosidades em saber sobre a diversidade de cada continente de forma leve e lúdica, trabalhando conjuntamente, o plural, a diferença do outro e o respeito para com o outro.


REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação Infantil desempenha um papel crucial na formação de cidadãos conscientes e éticos, como argumentado por Oliveira (2013), ao destacar a convivialidade e a interdisciplinaridade como elementos fundamentais. Nesse contexto, a promoção da diversidade cultural e étnica, bem como a valorização do coletivo, emergem como pilares essenciais no processo de desenvolvimento das crianças. A pesquisa aqui relatada, que detalha a jornada dos alunos do núcleo de Língua Portuguesa do PIBID/UFSCar no CEMEI Prof. Paulo Freire, incorpora esses princípios ao abordar atividades que enriqueceram a compreensão das diferentes culturas e identidades presentes na escola e na sociedade em geral.

A abordagem pedagógica, baseada na escuta ativa dos alunos e na orientação das professoras, demonstra uma prática alinhada com as teorias construtivistas, que enfatizam a importância de construir o conhecimento a partir das vivências e das interações sociais. Seguindo os princípios de Vygotsky (1978), a pesquisa reconhece que a aprendizagem é potencializada quando os indivíduos interagem com outros mais experientes, enriquecendo assim a construção de significados e a internalização de valores.

No contexto da Educação Infantil, as atividades com foco em diferentes culturas e etnias contribuem de maneira significativa para a formação de indivíduos culturalmente sensíveis e abertos à diversidade. A escola desempenha um papel crucial na promoção do respeito mútuo, e a interação com culturas diferentes do contexto dos alunos estimula a empatia e a compreensão das perspectivas alheias.

A pesquisa também está alinhada à perspectiva sociocultural de Vygotsky (1978), ao reconhecer que a interação com pares e adultos desempenha um papel essencial no desenvolvimento cognitivo e social das crianças. Ao planejar e executar atividades com base



nas demandas e interesses dos alunos, as professoras demonstram sensibilidade pedagógica, adaptando o currículo à realidade dos estudantes.

A pesquisa apresentada neste relato descreve um cenário onde a convivialidade e a interdisciplinaridade são incorporadas de maneira real e positiva, alinhando-se ao pensamento de Oliveira (2013) sobre a formação para a cidadania. A abordagem lúdica e contínua permite que as crianças compreendam desde cedo a importância do respeito às diferenças. A riqueza das experiências culturais e naturais atua como um catalisador para o crescimento pessoal e a compreensão cultural. Além disso, o projeto de vivências com crianças de 0 a 5 anos evidencia a continuidade e a profundidade do aprendizado. A longo prazo, essa abordagem pode contribuir significativamente para a formação de indivíduos mais tolerantes, empáticos e capazes de lidar construtivamente com a diversidade.

Em conclusão, a Educação Infantil, como discutido por Oliveira (2013), é um ambiente propício para a formação de cidadãos conscientes e éticos, onde a convivialidade e a interdisciplinaridade desempenham papéis fundamentais. A abordagem construtivista, a interação social mediada e a promoção da diversidade cultural são os alicerces teóricos subjacentes. A pesquisa exemplifica como essa teoria pode ser aplicada na prática, utilizando ferramentas pedagógicas próprias dessa fase escolar para enriquecer a compreensão e o respeito pela diversidade desde os primeiros passos na educação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Fase 1 e 2

Nas turmas de 0 a 1 ano a aplicação das atividades foram feitas aos poucos, precisando mais de um dia para finalizar, fazendo as atividades em número reduzido de crianças, pelo fato de grande parte da turma estar em processo de adaptação ao ambiente escolar e a existência de uma turma bem heterogênea, onde nenhum dos alunos estão em uma fase de desenvolvimento semelhante. Na turma, temos alunos de 5 meses que ainda estão aprendendo a sentar e alunos de 1 e 4 meses que já andam e estão mais evoluídos no que diz respeito a coordenação motora. Nesse contexto da turma, foi necessário fazer a atividade sem estar com a turma toda, tentando encontrar a necessidade de cada aluno, por estarem em fases de desenvolvimento diferentes, as atividades tiveram um impacto diferente em cada aluno.

Na primeira atividade realizada “quem sou eu”, onde foi trabalhada a auto-imagem do aluno e o desenvolvimento da linguagem corporal, percebeu-se a diferença da relação dos

alunos com a sua imagem e os pontos das linguagens corporais que mais interessam cada um, visto que existe uma diferença de estímulo entre eles. Os alunos mais novos se dispersaram mais fácil, então foi bem difícil realizar a pesagem e a medida, já que alguns ainda não ficam em pé, com o espelho os mais novos olham por menos tempo seu reflexo, mas já assimilam um pouco do reflexo com a própria imagem, fazendo gestos ou expressões faciais ao se olharem. Com os mais velhos foi possível fazer a pesagem e medida de altura, já que esses ficam parados em pé, na prática dos espelhos os maiores olham por mais tempo, também fazem expressões faciais e conseguem olhar um auto-retrato e assimilar com sua feição.

Na segunda atividade, foi perceptível que a contação de histórias com a música e os tambores, chamou atenção, pois estimulou a audição e a coordenação motora das crianças. Conforme tocamos os tambores, os alunos tanto da fase 1, como os da fase 2, repetiam o movimento dos tambores que estavam distribuídos no tapete vermelho. Na mesma atividade foi colocado a música "Funga alafia" do perfil "Comptines d'afrique" na televisão, o perfil conta com diversas cantigas africanas feitas por animação, os alunos ficaram bem entretidos com o ritmo e com as animações da cantiga. Para trabalhar a parte sensorial na fase 1, passamos na mão de cada criança a boneca de pano negra, feita a mão por uma artesã e adquirida para ser usada como recurso pedagógico, com a finalidade de representar personagens negros em momentos de contação de histórias. Curiosamente todos ficaram entretidos com a textura do cabelo cacheado da boneca, fazendo muitas vezes o movimento de puxar para baixo e soltar.

Fase 6

O projeto 'Continentes: a viagem do saber', que foi iniciado na fase 6, pelas pibidianas Isadora Lopes de Oliveira e Letícia Coelho Honório, terá a sua finalização ao final do segundo semestre do ano de 2023, no entanto, já se observa muitos ganhos e reflexões diante das atividades desenvolvidas até o atual momento.

De modo geral, as atividades já desenvolvidas, mostrou primeiramente o quão importante é o reconhecimento da própria identidade, da singularidade de cada um que foi feita por meio do se olhar no espelho, uma das atividades desenvolvidas do livro "A cor de Coraline" de Alexandre Rampazo, e de entender o tempo de cada criança de se entender como uno e especial no mundo. Entender o tempo, porque a atividade tinha como intenção fazer com que a criança dissesse a parte favorita de si e o porquê, e nela, tivemos muitos relatos lindos e surpreendentes como "os meus olhos, porque são iguais ao do meu irmão, e eu amo muito ele", mas também tivemos crianças com dificuldades de identificar, e estar ali apoiando esse tempo de reflexão da criança, fez da atividade, mesmo que inicialmente receosos, que ao

final eles tenham gostado de irem no espelho se olhar, fazer caretas, e entenderem suas singularidades, levando entre eles diálogos sobre suas diferenças durante a segunda atividade que foi a do autorretrato.

Segundamente, observamos como era a relação das crianças diante de culturas diversas, diferentes da sua própria, e em como elas trazem um olhar completamente sensível, curiosos para saber e entender as diferenças de outros países em outros continentes, que foram tidos até agora. É trago esse pensamento, porque muitas vezes, quase impossível não, quando é elaborada uma vivência, ela é atravessada pelos pressupostos de quem a elabora, e foi importante diante deles, ir contra eles e ver como as crianças interagem diante das atividades. Duas dessas interações que será destacado foram na vivência de africanidades, sendo uma delas, na roda de conversa sobre o continente africano e perceber que a visão estereotipada do continente vem do adulto e não da criança, e se observou essa percepção ao serem questionados sobre o que vinha à mente quando pensavam no continente africano e tivemos respostas como “Eu não sei/ eu sei lá” ou a fala de alguns animais nativos que já vínhamos estudando, e a partir daí abrir um diálogo sincero sobre a diversidade do continente africano, e em como foi e é importante trazer desde o início de seu desenvolvimento uma visão que não seja errônea. A outra interação foi com a elaboração da boneca Abayomi, e mais uma vez, como o tempo de cada um é importante para o processo de seu desenvolvimento, porque foi iniciada a atividade sabendo que eles não sabiam fazer nó, mas mesmo assim, foram, pelas pibidianas, ensinados aos poucos todos os processos de se fazer um nó e da elaboração da Abayomi, e conseguir não intervir, sempre mediando e ajudando quando preciso, o que fez com que ao final pudesse observar a satisfação e alegria de cada criança no seu processo de autonomia diante aos desafios de cortar um tecido e de fazer um nó, foi perceptível a gratificação de cada criança ao olharem suas bonecas Abayomi feitas por elas mesmas.

Por fim, nas atividades tidas para os bebês de 0 a 2 anos e o projeto iniciado as crianças de 6 anos, se teve e tem como intenção em seu desenvolvimento e ao final, contribuir no crescimento individual de cada bebê e criança em relação ao outro, transmitindo respeito pelo que é diferente de seu referencial e empatia, assim tendo uma melhor relação social. E para além, também tivemos e temos como objetivo contribuir no desenvolvimento cognitivo, na coordenação motora grossa e fina, e para as crianças maiores a alfabetização e letramento de cada um.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A posteriori, após todo o processo de aplicação das atividades em sala de aula, percebe-se que trabalhar o tema cultura na educação infantil é primordial, visto que esse é o momento onde o cidadão está tendo seus primeiros contatos com a sociedade. Nessa perspectiva, vale ressaltar que é a partir desse período que são construídas as percepções e valores de mundo primários na vida da criança. Dessa maneira, é certo afirmar que introduzir atividades que mostrem a diversidade cultural existente dentro de cada grupo étnico, contribui para formar cidadãos que saibam conviver em um espaço social nutrido pelas diferenças.

O projeto desenvolvido no contexto da educação infantil, trouxe a proposta de vivências em sala de aula com foco em diversas culturas, que além do conhecimento dos costumes pudessem propiciar um aprendizado das principais áreas de desenvolvimento pedagógico. Segundo o Pensador Vygotsky, a relação homem-mundo é uma relação mediada por sistemas simbólicos. Entre o homem e o mundo existem elementos mediadores – ferramentas auxiliares da atividade humana. Dentro do contexto do projeto, as abordagens baseadas em atividades que promovem o conhecimento cultural, funcionam como um ponto de partida do indivíduo para sua relação com o mundo. Assim, aplicando as mais variadas atividades que tenham essa temática voltada a cultura, de maneira evidente auxilia o cidadão, já desde de sua infância, a respeitar todos os tipos de diferenças que encontramos nos mais variados ambientes.

Dentro das propostas de cada atividade, o principal objetivo foi internalizar os valores de que todas as culturas trabalhadas são importantes, elas se diferenciando uma das outras não faz de nenhuma mais importante ou inferior, muito pelo contrário, é o que torna cada uma algo rico de ser aprendido. Então, trabalhar individualmente as vivências que mostravam cada um dos povos de diferentes etnias, fez com que os alunos descobrissem os pontos positivos que cada uma traz para o seu conhecimento de mundo e junto uma auto identificação com alguma dessas. Sendo assim, as atividades não mostraram somente uma cultura sem que houvesse uma finalidade para o aluno, elas transmitiram os valores que de certa forma podem se assimilar com o contexto de vida de cada um e colaboraram para um encontro de identidade e pertencimento.

Portanto, abordar a temática “cultura” nos espaços escolares, corrobora para um encontro do cidadão a um grupo pertencente e representativo, como também propicia ao indivíduo um conhecimento de mundo, que o auxilia a conviver em uma sociedade pluralista e ser mais tolerante ao que é diferente de seu contexto. A cultura é produto da vida social e da atividade social humana, é por isso que quando simplesmente formulamos a questão do desenvolvimento cultural do comportamento estamos introduzindo diretamente o plano social

do desenvolvimento (Vygotsky, 2001). Desta maneira, trabalhar a cultura como uma interdisciplina nas outras áreas do conhecimento, promove o desenvolvimento intelectual da criança, que estará entrando em contato com a natureza humana, como também podemos ensinar a criança como trazer um mundo mais tolerante, representativo e que saiba englobar as diferenças dentro de um meio social.

REFERÊNCIAS

- OLIVEIRA, Z. M. R. (2013). **Educação infantil: fundamentos e métodos**. Cortez Editora.
- VIGOTSKY, L. S. (1978). **Mind in society: The development of higher psychological**